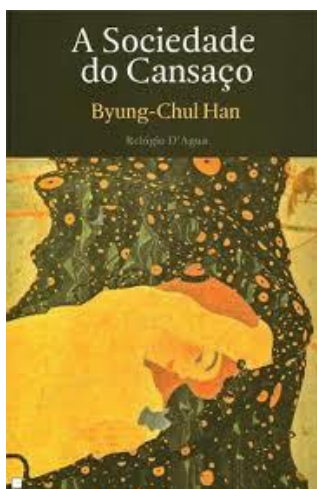


“se no nosso mapa não constar a utopia,
nem olhemos para ele
porque nos está escondendo o principal”

Oscar Wilde



a sociedade do cansaço e do abatimento social

VAI UMA DISCUSSÃO POR ESSE MUNDO FORA SOBRE A “SOCIEDADE DO CANSAÇO”. O principal responsável por esta formulação, é um coreano que ensina filosofia em Berlim, Byung-Chul Han, cujo livro, com o mesmo título, acaba de ser lançado no Brasil (Vozes 2015). O pensamento nem sempre é claro e, por vezes, é mesmo discutível, como quando se afirma que o “cansaço fundamental” é dotado de uma capacidade especial de “inspirar e fazer surgir o espírito” (cf. Byung-Chul Han, p. 73). Independentemente das diversas teorias, vivemos numa sociedade do cansaço. No Brasil, além do cansaço, sofremos de um desânimo e de um abatimento atroz.

Consideremos, em primeiro lugar, a sociedade do cansaço. Efetivamente, a aceleração do processo histórico e a multiplicação de sons, de mensagens, o exagero de estímulos e comunicações, com origem, especialmente, no marketing comercial, nos telemóveis com todos os seus aplicativos, a superinformação que nos chega através dos meios de comunicação social, produzem em nós, de acordo com estes autores, doenças neuronais: causam depressão, dificuldade de atenção e uma síndrome de hiperatividade.

Efetivamente, chegamos ao fim do dia cheios de tensão e sem vitalidade. Não dormimos como deve ser e desmaiamos.

A somar a tudo isto, temos o ritmo de produtividade neoliberal que vem sendo imposto aos trabalhadores, em todo o mundo. Especialmente o estilo norte-americano, sobretudo, exige de todos o maior desempenho possível. Está a tornar-se regra geral, também, entre nós. Tal exigência desequilibra emocionalmente as pessoas, gerando irritabilidade e ansiedade permanentes. O número de suicídios é assustador. Ressuscitou-se, como já referi nesta coluna, o brado da revolução de sessenta e oito do século passado, agora radicalizado. Dizia-se então: “metro, trabalho, cama”. Agora diz-se: “metro, trabalho, túmulo”. Quer dizer: doenças letais, perda do sentido de vida, e autênticos enfartes psíquicos.

Detenhamo-nos no Brasil. Entre nós, nos últimos meses, grassa um desalento generalizado. A campanha eleitoral alimentada com grande virulência verbal, acusações, deformações e verdadeiras mentiras, e o facto de a vitória do PT não ter sido aceita, suscitou ímpetos de vingança por parte das oposições. Houve bandeiras sagradas do PT [Partido dos Trabalhadores] que foram atraídoas pela corrupção em elevado grau, gerando profunda decepção. Isto fez com que se abandonassem alguns costumes civilizados. A linguagem canibalizou-se. Veio à luz do dia o preconceito contra os nordestinos e a desqualificação da população negra. Somos cordiais também no sentido negativo que lhe atribuiu Sérgio Buarque de Holanda: podemos agir a partir dum coração cheio de raiva, de ódio e de preconceitos. Esta situação agravou-se, ainda mais, com a ameaça de *impeachment* da Presidente Dilma, por razões discutíveis.

Descobrimos que, entre nós, a verdadeira luta de classes era um facto, e não uma teoria. Os interesses das classes abastadas são antagónicos dos das classes empobrecidas. As primeiras, historicamente hegemónicas, temem a inclusão dos pobres, e a ascensão de outros setores da sociedade que vieram ocupar o lugar, antes reservado apenas a elas. Importa reconhecer que somos um dos países mais desiguais do mundo, ou seja, o país onde mais campeiam as injustiças sociais, a violência banalizada e incontáveis assassinatos que equivalem, em número, aos mortos da guerra do Iraque. Temos, ainda, centenas de trabalhadores a viver em condições equivalentes às da escravidão.

Grande parte destes malfeitores confessam-se cristãos: cristãos a martirizar outros cristãos, o que torna o cristianismo não uma fé mas, apenas, uma crença cultural, uma irrisão e uma verdadeira blasfémia.

Como sair deste inferno humano? A nossa democracia não passa de uma democracia de voto, não representa o povo, mas sim os interesses dos que financiaram as campanhas, por isso é, apenas, de fachada ou, no máximo, de baixíssima intensidade. Não há que esperar nada vindo de cima, pois se consolidou entre nós um capitalismo selvagem e globalmente articulado, que aborta qualquer correlação de forças entre classes.

Vejo uma saída possível, a partir de outro lugar social, daqueles que vem debaixo, da sociedade organizada e dos movimentos sociais que possuem outro ethos e outro sonho de Brasil e de mundo. Mas eles precisam estudar, se organizar, pressionar as classes dominantes e o Estado patrimonialista, se preparar para eventualmente, propor uma alternativa de sociedade ainda não ensaiada mas que possui raízes naqueles que no passado lutaram por um outro Brasil e com projeto próprio. A partir daí formular outro pacto social via uma constituição ecológico-social, fruto de uma constituinte exclusiva, uma reforma política radical, uma reforma agrária e urbana consistentes e a implantação de um novo design de educação e de serviços de saúde. Um povo doente e ignorante nunca fundará uma nova e possível biocivilização nos trópicos.

Tal sonho pode nos tirar do cansaço e do desamparo social e nos devolver o ânimo necessário para enfrentar os entraves dos conservadores e suscitar a esperança bem fundada de que nada está totalmente perdido, mas que temos uma tarefa histórica a cumprir para nós, para nossos descendentes e para a própria humanidade. Utopia? Sim. Como dizia Oscar Wilde: “se no nosso mapa não constar a utopia, nem olhemos para ele porque nos está escondendo o principal”. Do caos presente deverá sair algo bom e esperançador, pois esta é a lição que o processo cosmogénico nos deu no passado e nos está dando no presente. Em vez da cultura do cansaço e do abatimento teremos uma cultura da esperança e da alegria.

Leonardo Boff, escritor

<https://leonardoboff.wordpress.com/2016/01/05/a-sociedade-do-cansaco-e-do-abatimento-social/>

o **Pacto das Catacumbas** para uma Igreja serva e pobre

O Bom Pastor (Catacumba de Domitila)



No dia 16 de novembro de 1965, há 48 anos, poucos dias antes do encerramento do Vaticano II, cerca de 40 padres conciliares celebraram uma Eucaristia nas **Catacumbas de Domitila**, em Roma, pedindo fidelidade ao Espírito de Jesus. Depois dessa celebração, assinaram o **"Pacto das Catacumbas"**.

O documento é um desafio aos **"irmãos no Episcopado"** a levar adiante uma **"vida de pobreza"**, uma **Igreja "serva e pobre"**, como sugerira o Papa João XXIII.

Os signatários – entre eles, muitos brasileiros e latino-americanos, embora muitos outros aderissem ao pacto mais tarde – comprometiam-se a viver em pobreza, a renunciar a todos os símbolos ou privilégios do poder e a pôr os pobres no centro do seu ministério pastoral. O texto teve uma forte influência sobre a Teologia da Libertação, que surgiria nos anos seguintes.

Um dos signatários e propositores do pacto foi D. Hélder Câmara.

Nós, BISPOS, REUNIDOS NO CONCÍLIO VATICANO II, esclarecidos sobre as deficiências da nossa vida de pobreza segundo o Evangelho; incentivados uns pelos outros, numa iniciativa em que cada um de nós queria evitar a singularidade e a presunção; unidos a todos os nossos Irmãos no Episcopado; contando sobretudo com a graça e a força de nosso Senhor Jesus Cristo, com a oração dos fiéis e dos sacerdotes das nossas respectivas dioceses; colocando-nos, pelo pensamento e pela oração, diante da Trindade, diante da Igreja de Cristo e diante dos sacerdotes e dos fiéis das nossas dioceses, na humildade e na consciência da nossa fraqueza, mas também com toda a determinação e toda a força de que Deus nos quer dar a graça, comprometemo-nos ao que se segue:

- 1)** Procuraremos viver segundo o modo ordinário da nossa população, no que concerne à habitação, à alimentação, aos meios de locomoção e a tudo que daí se segue. Cf. Mt 5,3; 6,33s; 8,20.
- 2)** Para sempre renunciamos à aparência e à realidade da riqueza, especialmente no traje (fazendas ricas, cores berrantes), nas insígnias de matéria preciosa (devem esses signos ser, com efeito, evangélicos). Cf. Mc 6,9; Mt 10,9s; At 3,6. Nem ouro nem prata.
- 3)** Não possuiremos nem imóveis, nem móveis, nem conta em banco, etc., em nosso próprio nome; e, se for preciso possuir, poremos tudo no nome da diocese, ou das obras sociais ou caritativas. Cf. Mt 6,19-21; Lc 12,33s.
- 4)** Cada vez que for possível, confiaremos a gestão financeira e material na nossa diocese a uma comissão de leigos competentes e cônscios do seu papel apostólico, de modo a sermos menos administradores do que pastores e apóstolos. Cf. Mt 10,8; At. 6,1-7.
- 5)** Recusamos ser chamados, oralmente ou por escrito, por nomes e títulos que signifiquem a grandeza e o poder (Eminência, Excelência, Monsenhor...). Preferimos ser chamados com o nome evangélico de Padre. Cf. Mt 20,25-28; 23,6-11; Jo 13,12-15.
- 6)** No nosso comportamento, nas nossas relações sociais, evitaremos aquilo que pode parecer conferir privilégios, prioridades ou mesmo uma preferência qualquer aos ricos e aos poderosos (ex.: banquetes oferecidos ou aceites, classes nos serviços religiosos). Cf. Lc 13,12-14; 1Cor 9,14-19.
- 7)** Do mesmo modo, evitaremos incentivar ou lisonjear a vaidade de quem quer que seja, com vista a recompensar ou a solicitar dádivas, ou por qualquer outra razão. Convidaremos os nossos fiéis a considerarem as suas dádivas como uma participação normal no culto, no apostolado e na ação social. Cf. Mt 6,2-4; Lc 15,9-13; 2Cor 12,4.
- 8)** Daremos tudo o que for necessário do nosso tempo, reflexão, coração, meios, etc., ao serviço apostólico e pastoral das pessoas e dos grupos laboriosos e economicamente fracos e subdesenvolvidos, sem que isso prejudique as outras pessoas e grupos da diocese. Ampararemos os leigos, religiosos, diáconos ou sacerdotes que o Senhor chama a evangelizarem os pobres e os operários, compartilhando a vida operária e o trabalho. Cf. Lc 4,18s; Mc 6,4; Mt 11,4s; At 18,3s; 20,33-35; 1Cor 4,12 e 9,1-27.
- 9)** Cônscios das exigências da justiça e da caridade, e das suas relações

mútuas, procuraremos transformar as obras de "beneficência" em obras sociais baseadas na caridade e na justiça, que levam em conta todos e todas as exigências, como um humilde serviço dos organismos públicos competentes. Cf. Mt 25,31-46; Lc 13,12-14 e 33s.

10) Poremos tudo em obra para que os responsáveis pelo nosso governo e pelos nossos serviços públicos decidam e ponham em prática as leis, as estruturas e as instituições sociais necessárias à justiça, à igualdade e ao desenvolvimento harmónico e total do homem todo em todos os homens, e, por aí, ao advento de uma outra ordem social, nova, digna dos filhos do homem e dos filhos de Deus. Cf. At. 2,44s; 4,32-35; 5,4; 2Cor 8 e 9 inteiros; 1Tm 5, 16.

11) Achando a colegialidade dos bispos a sua realização mais evangélica a assunção do encargo comum das massas humanas em estado de miséria física, cultural e moral - dois terços da humanidade -, comprometemo-nos:

- a participar, conforme os nossos meios, nos investimentos urgentes dos episcopados das nações pobres;
- a requerer juntamente com o plano dos organismos internacionais, mas testemunhando o Evangelho, como o fez o **Papa Paulo VI** na **ONU**, a adoção de estruturas económicas e culturais que não mais fabriquem nações proletárias num mundo cada vez mais rico, mas sim permitam às massas pobres saírem da sua miséria.

12) Comprometemo-nos a partilhar, na caridade pastoral, a nossa vida com os nossos irmãos em **Cristo**, sacerdotes, religiosos e leigos, para que o nosso ministério constitua um verdadeiro serviço; assim:

- **esforçar-nos-emos para "rever a nossa vida" com eles;**
- **suscitaremos colaboradores para serem mais uns animadores segundo o espírito do que uns chefes segundo o mundo;**
- **procuraremos ser o mais humanamente presentes, acolhedores...;**
- **mostrar-nos-emos abertos a todos, seja qual for a sua religião.**

Cf. Mc 8,34s; At 6,1-7; 1Tm 3,8-10.

13) Tornados às nossas dioceses respetivas, daremos a conhecer aos nossos diocesanos a nossa resolução, rogando-lhes ajudar-nos pela sua compreensão, o seu concurso e as suas preces.

Ajude-nos Deus a sermos fiéis.

() () ()

o milagre ou a vida

Todos os anos o ano começa assim, com o dia internacional da paz: muita paz, muito amor, muita esperança, este ano houve até quem desejasse menos terrorismo. Os governantes e até os que os governam fazem discursos bonitos, prometem que agora é que vai ser, mais justiça, mais igualdade, mais trabalho pela paz, enfim uma vida nova e redentora.

Amanhã, como sabemos, tudo está na mesma, provavelmente um pouco pior. As mesmas guerras e mais algumas, a via-sacra dos refugiados a fugir do martírio e a esbarrar nas barreiras e cercas que os esmagam, direitos sociais e humanos dos cidadãos e das famílias em degradação contínua, as esperanças concretizadas representando uma ínfima parcela das malfetorias cometidas.

O Papa fala, apela, e as suas mensagens entram por um ouvido e saem pelo outro não apenas dos malvados dos senhores da guerra, sabendo nós muito bem que estes não são apenas os bandidos armados que combatem pelas suas quintas, pelas suas regiões, pelo leilão dos bens que a natureza colocou na sua zona de influência, mas são-no também, e com acrescidas responsabilidades, os generais e chefes políticos da NATO e outras natos, que hipocritamente fazem da invocação de defender a arte de matar e a destreza de conquistar.

O ano novo começou igualzinho ao ano velho porque por muito bem-intencionados que todos sejamos, incluindo, nestas horas, todos os senhores da guerra, não é fazendo votos a cada uma de uma dúzia de passas engolidas, mudando de calendário e de agenda que o mundo se despoeva da cáfila de malfeitores que o destroem ora governando-o, ora apropriando-se em privado dos bens que são de todos, ora organizando as pessoas em exércitos e rebanhos ao serviço de interesses que não dizem respeito a cada individualidade que os compõe, ora poluindo-o enquanto asseguram que o irão despoluir com resultados que poderão talvez ser observados a partir de 2050, quem viver verá.

Acreditar que cada novo ano é capaz de trazer a paz é o mesmo que passar a vida inteira à espera de um milagre sabendo que milagres não existem, a não ser os que forem obra de cada um de nós. E se for juntando forças, ideias e convicções, tanto melhor. Isso não acontecerá num dia em que mudar o ano ou num dia internacional de qualquer coisa, mas sim quando finalmente existirem as forças e condições para nos vermos livres dos

famosos donos disto tudo. Impossível? Impossíveis são os milagres: isto podemos tentar. É a escolha entre o milagre e a vida, entre a espera inútil e a acção capaz de produzir efeitos, até quando menos se espera.

José Goulão. Jornalista.

<http://mundocaohoje.blogspot.pt/2016/01/o-milagre-ou-vida.html>



Conta e Tempo

Deus pede estrita conta de meu tempo.
E eu vou do meu tempo, dar-lhe conta.
Mas, como dar, sem tempo, tanta conta
Eu, que gastei, sem conta, tanto tempo?

Para dar minha conta feita a tempo,
O tempo me foi dado, e não fiz conta,
Não quis, sobrando tempo, fazer conta,
Hoje, quero acertar conta, e não há tempo.

Oh, vós, que tendes tempo sem ter conta,
Não gasteis vosso tempo em passatempo.
Cuidai, enquanto é tempo, em vossa conta!

Pois, aqueles que, sem conta, gastam tempo,
Quando o tempo chegar, de prestar conta
Chorarão, como eu, o não ter tempo...

Frei António das Chagas (1631-1682). Frade franciscano e poeta português,